

A IMPORTÂNCIA DA IMAGINAÇÃO NA EDUCAÇÃO

Cristiane Lumertz Klein Domingues
Faculdade Porto-Alegrense- FAPA
Porto Alegre- RS

Resumo: O trabalho aborda o conceito de imaginação segundo a educadora portuguesa Maria Alberta Rovisco Garcia Menéres de Melo e Castro no qual é possível encontrar conhecimentos sobre o poder que a imaginação desenvolve e, como consequência, facilita o ato de ler e escrever na escola, para a criança. Num segundo momento deseja entender a relação existente entre linguagem e pensamento para mostrar a magia contida na poesia.

Palavras-chave: Poema. Imaginação. Leitura. Escrita. Oralidade e hábito de ler.

Abstract: This paper approaches the concept of imagination according to the Portuguese educator Maria Alberta Rovisco Menéres Garcia de Melo e Castro in which it is possible to find knowledge about the power that imagination develops and consequently facilitates the act of reading and writing in school for children. Secondly, it aims to understand the relationship between language and thinking to show the magic contained in poetry.

Keywords: Poem. Imagination. Reading. Writing. Speaking and reading habit.

Imaginação na perspectiva de Maria Alberta Menéres

O presente trabalho aborda o tema poesia como forma de desenvolver a imaginação da criança, mostrando ao professor que conseguirá cativar seu aluno e estimulá-lo a apreciar esse tipo de texto, se ele fizer parte do cotidiano escolar, porque, sabe-se pelas experiências observadas, que poesia é pouco trabalhada nas escolas e, quando utilizada, torna-se pretexto para ensinar conteúdos. Deseja-se, com tal iniciativa, subsidiar o professor com material poético e demonstrar como a poesia desenvolve o poder criativo da criança por meio da fantasia.

A educadora portuguesa Maria Alberta Rovisco Garcia Menéres de Melo e Castro (a quem nesse trabalho denominaremos apenas Maria Alberta Menéres), nasceu em Vila Nova de Gaia em 1930 e lecionou em escolas públicas na cidade de Lisboa. Menéres licenciou-se em Ciências Histórico-

Filosóficas pela Universidade Clássica de Lisboa e dedica grande parte de sua obra à literatura infantil e juvenil. A autora conceitua imaginação como o meio pelo qual a criança exercita seu poder de criação, através da formação de imagens na mente. Quando os pequenos começam a exercitar a fantasia, ao serem estimulados pela obra literária, percebem o sentimento de infinito proporcionado por essas experiências, porque o ato de inventar nunca acaba. E, quando sujeita ao exercício contínuo da imaginação, a criança entende que as palavras têm a capacidade de levá-la aonde jamais pensou chegar.

Descobrir o mundo é encontrar novos conhecimentos pelo exercício constante da imaginação. Essa capacidade é própria da infância e pode ser percebida tanto no escrever quanto no ler. Dessa forma, acontece a leitura da realidade e da irrealidade, que estão dentro e fora do sujeito. Mesmo pequeno, o indivíduo já é capaz de ler: lê o cheiro, o jeito e o ritmo da mãe e do pai. Dessa forma progride, de leitura em leitura, de imaginação em imaginação, buscando o conhecimento. Ante a imaginação, o escritor é como uma criança inquieta e atenta, à procura de qualquer simples maravilha para encantar-se e descobrir novos conhecimentos sobre si mesmo e o mundo que o rodeia.

Os pequenos possuem, por natureza, uma energia para imaginar e, em consequência, para criar. Biologicamente, a sua ânsia é de desenvolvimento e, por isso, estão voltados à construção de si mesmos. Assim, gostam de se expressar pela voz, pelo gesto, pelo corpo e pelo pensamento. E, se motivados a ampliar sua forma de expressão, gostarão, também, de ler e de escrever, estando aptos a descobrir a poesia. Para que a força criadora da criança seja estimulada, é preciso cuidado na forma de conversar e de responder às perguntas dela. Há palavras que estimulam a imaginação e fazem com que o pensamento voe; outras interrompem esse caminho e provocam o medo, a aflição e a angústia.

A inventividade humana não tem limites, tudo está sempre acontecendo ou por acontecer, pois no campo da imaginação não se usa o ponto final. Se o ponto final for utilizado, o impulso produtivo será pobre e a criatividade limitada. Para a criança experimentar a fantasia, ela não precisa procurar lugares transcendentais, nem temas complicados: basta aperfeiçoar a linguagem poética. Conforme afirma Menéres (1993, p.35) “Poesia e imaginação são coisas que se exercitam e cultivam.” Dentro desse contexto, há a própria magia. Mais do que isso, há a idéia recuperada ou inventada, “[...] porque no universo da imaginação há estranhos e ignorados caminhos que levam

à terras sonhadas e terras reais.” (Menéres, 1993, p.43). Esse encantamento é importante, uma vez que mobiliza o imaginário infantil, desenvolvendo a força inventiva e ampliando o potencial criador.

Poesia, segundo Menéres (1977), é a beleza e o sentido das coisas e de nós próprios, uma maneira de olhar o mundo, uma forma de atenção a tudo. Ela está em toda parte, embora nem sempre se pode percebê-la. Em todas as situações do mundo, é possível descobrir a poesia, porém, para vencer a barreira que, algumas vezes, ela impõe, é preciso compreender a força contida em cada palavra de um poema: “A Língua Portuguesa não é um corpo morto, nem um lago de água estagnada, é uma matéria viva que temos de trabalhar e de amar.”(Menéres, 1977, p.47). Atrás de cada palavra esconde-se um mundo; é preciso saber olhar ao redor, e não ter medo de entrar nesse universo. De tudo se pode falar. É pelo olhar que se pode descobrir, pela voz, dizer, e pela mão, escrever. As palavras não contêm somente o significado do dicionário, mas uma carga de sentidos mais explosiva e misteriosa do que se julga à primeira vista: “Uma palavra é um ser vivo. Ela pode ser tudo o que quisermos no contexto que escolhermos.”(Menéres, 1977, p.47).

Já o poema, como diz Norma Goldstein (2001), tem uma unidade, com características próprias. O poeta, ao escrever, faz a seleção e combina palavras, muitas vezes a partir de um parentesco sonoro. Como resultado, o texto literário adquire certa tensão ou ambiguidade, produzindo mais de um sentido. Daí, a plurissignificação do texto literário.

O texto literário, segundo Norma Goldstein (2001, p.5), talvez seja o mais próximo do sentido etimológico texto: entrelaçamento, tecido. Como tecido de palavras, o poema pode ter muitos sentidos, dependendo da percepção feita a partir do entrelaçamento dos fios que o organizam. Ou melhor dizendo, ele permite muitas interpretações; dada a plurissignificação do poema, a soma das muitas interpretações seria o ideal.

No livro *O poeta faz-se aos 10 anos*, Menéres (1977, p.15) descreve um episódio ocorrido com seu aluno José Manuel, salientando que o poder da imaginação estimula a escrita. Ela apresenta um belo exemplo:

No dia seguinte, entra na aula triunfante o José Manuel, com uma folha na mão; tinha-se imaginado nada mais nada menos do que a própria Estrada de Benfica! E logo em poesia! Aqui está como ele se sentiu:

UMA ESTRADA

Sou estrada
sou estrada
estou farta de ser pisada.
Passa um carro
passa outro
e logo me entorto.

E depois é que é um caso sério:
têm de me consertar
e têm muito que trabalhar

Passa um carro, passa outro
e não posso recusar.
tenho de aguentar.

Sou estrada
estrada sou,
estou farta do que sou!

E nunca mais parou de escrever. Começou a imaginar-se relógio, nuvem, sino... uma infinidade de coisas. A certa altura do ano, já não lhe foi mais necessário imaginar-se nada. Começou a ser ele próprio perante as coisas, perante os factos, perante as situações. Começou a situar-se ele próprio como ser pensante e sensível, no lugar que era realmente o seu, com toda sua ingenuidade, a sua inexperiência, é certo, mas toda a sua verdade e entusiasmo. Ainda hoje escreve, por puro entusiasmo de escrever.

Imaginação e linguagem

A palavra imaginação aparece no dicionário HOUAISS (2007, p.1573) significando “[...] faculdade que possui o espírito de representar imagens; capacidade de evocar imagens de objetos anteriormente percebidos; capacidade de formar imagens originais; faculdade de criar a partir da combinação de idéias; criatividade ou obra criada pela fantasia.”

A imaginação, segundo Clemente (1994, p.12), ocorre através das palavras que possuem elementos ambíguos. Esse é o destino mais certo da linguagem humana, pois ela é essencialmente simbólica: “O poeta é o criador da arte pelas palavras, pelo jogo das metáforas, das ambiguidades. O reino das palavras nos versos de Miguel Torga assim se caracteriza”:

Passa um rei – é o poeta.
Não pela força de mandar
Mas pela graça mágica e secreta
De imaginar...
(TORGA, 1981, p.20)

Ainda citando Clemente (1994, p.13), o ser humano pensa, medita e se comunica através da linguagem. Ela impregna as manifestações humanas, sendo inclusive a expressão necessária delas, pois todas podem traduzir-se em palavras. É o ato da fala que acontece pela língua: “A palavra, a linguagem está presente no ser humano no mais recôndito do próprio eu.” Cecília Meireles mostra o quanto a palavra pode ser simbólica e repleta de sentido no momento desencadeado pela imaginação, no *Romanceiro da Inconfidência* no “Romance LIII ou das Palavras aéreas”:

Ai, palavras, ai, palavras
que estranha potência
Ai, palavras, ai, palavras
sois de vento, ides no vento,
no vento que não retorna,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma.
Sois de vento, ides no vento,
e quedais com sorte nova!
(MEIRELES, 1958, p.793)

Existe uma relação entre linguagem e pensamento, de acordo com Piaget (1978), pois pela primeira, que é a fonte do segundo, a criança é capaz de evocar situações. Ao lado da expressão linguística, aparece o jogo simbólico ou de imaginação, ambos surgindo, mais ou menos ao mesmo tempo, desempenhando importante papel para o pensamento. A imagem mental é

concebida como imitação interiorizada, concluindo-se que o pensamento precede a linguagem e que esta se limita a transformá-lo, profundamente, ajudando-o a atingir o equilíbrio. Não é somente a linguagem a responsável pela construção das operações lógicas:

Ela é necessária, pois sem o sistema de expressão simbólica que constitui a linguagem, as operações permaneceriam no estado de ações sucessivas, sem jamais se integrar em sistemas simultâneos ou que contivessem, ao mesmo tempo, um conjunto de transformações solidárias. Por outro lado, sem a linguagem, as operações permaneceriam individuais e ignorariam, em consequência, esta regularização que resulta da troca interindividual e da cooperação. É neste sentido da condensação simbólica e da regularização social que a linguagem é indispensável à elaboração do pensamento. Entre a linguagem e o pensamento existe, assim, um ciclo genético, de tal modo que um dos dois termos se apóia, necessariamente em outro, em formação solidária e em perpétua ação recíproca. Mas ambos dependem, no final das contas, da inteligência, que é anterior à linguagem e independente dela. (PIAGET, 1978, p. 92).

Para Piaget (1978), o período da infância que vai de sete a doze anos, com o início da escolaridade, marca uma modificação decisiva no desenvolvimento mental. Em vários aspectos da vida psíquica, quer seja da inteligência ou do afetivo, das relações sociais ou individuais, aparecem formas de organização novas, inaugurando assim uma série de outras construções.

Como diz Piaget (1978), surge nessa fase a concentração individual e a criança torna-se capaz de cooperar, porque não confunde mais seu próprio ponto de vista com o dos outros. Isso é visível na linguagem entre as crianças: são possíveis discussões, pois nasce o respeito às opiniões alheias. As explicações entre crianças surgem no plano do pensamento e não só no da ação material. A linguagem egocêntrica desaparece e os propósitos da criança são acompanhados pela necessidade de conexão entre as idéias e a justificação lógica.

A criança, depois dos sete anos, pensa antes de agir, conquistando, assim, a reflexão. A capacidade de refletir é uma conduta de discussão interior (como o pensamento que supõe uma linguagem interior). Para a inteligência, trata-se do início da construção lógica, que permite a coordenação dos pontos de vista entre si. O pensamento, durante a fase da infância, elabora explicações por identificação, que consistem na explicação da realidade pela própria razão, as operações do pensamento correspondem à intuição.

Anterior à fase da infância, segundo Maria da Glória Bordini (1986), nos primeiros tempos de vida da criança, o pequeno tem um primeiro contato com as cantigas de ninar, que estimulam a sua relação mágica com a poesia, desde bem cedo. Além do fato de a melodia proporcionar uma relação afetiva, sem saber, os pais estão levando a criança a desenvolver suas percepções auditivas e visuais, ativadas pela imaginação, e que, talvez, sejam o verdadeiro gatilho da sensibilidade posterior da criança para a poesia.

Entendendo por cantigas de ninar, segundo afirma Melo (1977), os acalantos ou canções de ninar, pequenos cantos que as mães ou amas pretas entoam para adormecer crianças ou consolar menino chorão, são geralmente quadrinhas ao som de uma mesma melodia langorosa.

Depois do período das cantigas de ninar, na fase que vai dos dois aos sete anos, denominada por Piaget (1978) “[...] a primeira infância, a criança exercita seu potencial imaginativo, ao lançar mão de brincadeiras que salientam rimas com os nomes dos companheiros. Por exemplo, chamam seus colegas pelos nomes e rimam com outras palavras: *Gabriela, cravo e canela; Gabriel, cara de pastel; Eugênio, o gênio; Nicolau, que come mingau e etc*¹. Também há os trava-línguas, que exploram a reduplicação de fonemas de difícil articulação, como: *O rato roeu a roupa do rei de Roma*. Além disso, as canções de roda acompanham exercícios corporais de crianças crescidas: *Ciranda, cirandinha vamos todos cirandar...*

As brincadeiras infantis mencionadas acima são de origem da literatura oral, porque foram transmitidas de forma oral, pela boca e pelo ouvido do povo. A literatura oral é transmitida através dos contos, fábulas, lendas, mitos, cantigas de roda, danças coletivas, adivinhas e folguedos populares; todas essas manifestações fazem parte da imaginação do povo.

Como Melo (1977), entre os folguedos infantis, as cantigas de roda são talvez a manifestação mais completa do ponto de vista pedagógico. Ao brincar de roda a criança exercita a memória e o raciocínio, estimula o gosto pelo canto e desenvolve os músculos ao ritmo da dança ingênua. As artes da poesia, dança e música estão unidas nos brinquedos de roda.

As parlendas têm por finalidade ensinar alguma coisa às crianças, sejam nomes, números e etc. Já as adivinhas formam um conjunto de analogias e personificações, como meio para conhecer as coisas. Os provérbios são frases

¹ As citações em itálico nesse parágrafo fazem parte das lembranças de brincadeiras da infância da autora deste texto.

que representam a sabedoria do povo. A trava-língua é uma brincadeira com fonemas de difícil pronúncia, que devem ser ditos bem depressa.

A criança introduzida no mundo dos versos, através de cantigas de ninar, rodas cantadas, adivinhações, provérbios, parlendas, ao ler um poema percebe que pode brincar com a língua e ampliar o conhecimento, combinando termos, alterando ou decompondo um significado para salientar uma idéia. Incentivando a capacidade imaginativa, o estímulo tem a possibilidade de promover o desenvolvimento geral do indivíduo, bem como sua maturidade.

O potencial da poesia está em conter, na sua essência, uma riqueza de linguagem que, num primeiro momento, não se percebe, pois ela pode auxiliar a criança a admirar, imaginar, pensar, sentir e experimentar o mundo ludicamente. O gênero poético proporciona à criança o divertimento pelo jogo das palavras, que a leva ao mundo maravilhoso e ao real, possibilitando que, pela imaginação, o infante entenda melhor o mundo em que vive e desperte para os sons e para as mensagens que o texto transmite ao especular o mundo de forma artística.

A organização do poema pela linguagem cria um discurso com regras de efeito estético, em que o arranjo dos termos, versos e estrofes suscita sons, idéias e imagens que levam ao exercício da inventividade. Ao ter contato com o poema, a criança tem contato com objetos e eventos que estimulam a imaginação, a sensibilidade e a criatividade. Pelo lúdico, ela conhece o mundo, porque o representa numa linguagem metafórica, que estimula o imaginário. Ao brincar com as palavras, o sujeito encontra, através das emoções, espaço para a fantasia. Pelo jogo simbólico, favorece o seu desenvolvimento e avança num ritmo de maturação único. Ao se divertir, amplia seus conhecimentos, desvendando a vida, efetivando a interação social e satisfazendo a necessidade de conhecer através, do ato de brincar, as palavras.

Para Piaget (1990), a dinâmica cognitiva tem no ato de brincar a possibilidade de ampliar conceitos e habilidades, integrando os pensamentos com as ações. E, por isso, ao ler os versos de um poema, a criança brinca com as palavras e compreende os elementos do mundo real através do plano representativo. A representação de imagens na mente é denominada por Piaget (1990) como função simbólica.

A função simbólica aparece cedo no ser humano (estágio pré-operacional, por volta dos 2 anos) e o acompanha durante toda a vida. Assim, é possível pensar em objetos, pessoas e acontecimentos, trazendo à mente as

imagens que não precisam ser vistas. Essa função é responsável pela formação das representações, facilitando a aprendizagem, pelo jogo entre realidade e fantasia. É pelo lúdico que a criança desenvolve suas capacidades cognitivas, imitando, fingindo, entendendo como acontece o mundo em que ela vive durante o brincar. Dessa forma, ela compreende o real através da fantasia. O jogo simbólico envolve o participante numa atitude prazerosa, com função de diversão. Um ambiente estimulador, com pessoas empenhadas em promover a fantasia, facilita o progresso da inteligência, por meio do desenvolvimento da atividade criadora da criança.

Para Vigotsky (1982), atividade criadora é toda a realização humana de algo novo, reflexo de algum objeto do mundo exterior, de determinadas construções do cérebro e de sentimentos que se manifestam no ser humano. A essência é que o homem reproduza normas de conduta criadas, elaboradas e ressuscite antigas impressões. O fundamento orgânico da atividade reprodutora é a propriedade de uma substância capaz de adaptar e conservar as trocas. O cérebro e os nervos modificam a estrutura pelas influências:

Acontece, pois, que nosso cérebro constitui o órgão que conserva experiências vividas e facilita a sua recuperação. Porém, se sua atividade se limitasse a conservar experiências anteriores, o homem seria um ser capaz de ajustar-se às condições estabelecidas pelo meio que o rodeia. (VIGOTSKY, 1982, p.8) .

A memória conserva experiências vividas e facilita sua reiteração quando necessário. Toda atividade humana não só reproduz o que conhece, mas cria novas imagens pelas vivências, que são acumuladas na memória. E a ação inventora do homem possui a capacidade de modificar situações. A psicologia chama a fantasia de atividade criadora do cérebro humano, baseada na combinação. A imaginação não se ajusta à realidade e não carece de valor prático:

A imaginação, como base de toda atividade criadora, se manifesta por igual em todos os aspectos da vida cultural, possibilitando a criação artística, científica e técnica. Neste sentido, absolutamente tudo que nos rodeia e tenha sido criado pela mão do homem, todo o mundo e a natureza, tudo é produto da imaginação e da criação humana, baseado na imaginação. (VIGOTSKY, 1982, p.8).

As crianças não se limitam a recordar experiências já vividas, mas também reelaboram novas realidades, fantasiando as coisas como reflexo da sua atividade imaginativa. A atividade imaginativa pode se ligar com a realidade de

diferentes formas: através de elementos tomados da realidade e extraídos de experiências anteriores, em que a fantasia se constrói sempre com materiais do mundo real; ou na dependência recíproca entre realidade e experiência, pela influência da emoção. Todos os pensamentos são determinados pelos sentimentos, experiências anteriores e pelo surgimento de algo novo:

Consiste sua essência em que a base erguida pela fantasia pode representar algo completamente novo, não existente na experiência do homem nem semelhante a nenhum outro objeto real; pois ao receber a forma nova, ao ter uma representação material nova, está a imagem cristalizada. Convertida em objeto, começando a existir realmente no mundo e a influir sobre os demais objetos. (VIGOTSKY, 1982, p.24).

Segundo Ostrower (1989), o ser humano elabora seu potencial criador pelo trabalho e até mesmo na arte não existiria criatividade se o fazer artístico não fosse trabalho. O imaginar é um pensar específico sobre um fazer concreto, voltado para a sua materialidade, não podendo se ver o concreto como algo menos imaginativo ou talvez não-criativo. Ao contrário, o pensamento só poderá ser imaginativo se for concretizado por uma matéria, sem a qual seria um divagar sem rumo e finalidade e nunca chegaria a ser um imaginar criativo. Existe uma dificuldade de imaginar o imaginar, sendo difícil descrever o ato imaginativo. Pode-se apontar um único caminho possível para conhecer o processo de imaginação, que é o de entender melhor a materialidade no fazer, que vem acompanhado, assim, por analogias de estrutura:

É esta a dificuldade: imaginar o imaginar, imaginar as formas específicas em que se imagina. Lidamos com todo um sistema de signos que são referidos a uma matéria específica. As ordenações, físicas ou psíquicas, tornam-se simbólicas a partir de sua especificidade material. Não é possível traduzir nem parafrasear o processo imaginativo, porque transpor de uma matéria específica para outra desqualifica essa matéria e não qualifica a outra. O único caminho para nós, seria conhecer bem uma dada materialidade no próprio fazer. (OSTROWER, 1989, p. 35).

Sintetizando as idéias, sobre imaginação, dos autores pesquisados, é possível perceber que Vygotsky, Piaget, Menéres e Ostrower convergem em um ponto: ao ler, surgem na mente imagens que ampliam o conhecimento. O ato de ler, precisa das palavras, que são simbólicas e repletas de significações. Pela leitura, é estimulado o pensamento, que proporciona o surgimento da imaginação. A imaginação é uma atividade criadora do cérebro humano, sendo tudo produto dela. O processo de imaginar pode acontecer a partir

de experiências vividas anteriormente pelo indivíduo, que elabora novas realidades naquele momento, e tais experiências podem sofrer influência das emoções e dos sentimentos ao serem modificadas.

A poesia, através do jogo entre as palavras, leva à brincadeira e convida o leitor a imaginar, por isso o professor pode usar em seu trabalho poemas para estimular a imaginação de seus alunos tais como: “Guaraná com canudinho”, “O galo aluado”, “Vaca amarela”, “O rato Roque”, que se encontram no livro de Capparelli (2003), *Boi da cara preta*; porque possuem rimas e aliterações, estrofes curtas, com jogos de grafias e de sons, também “Esporte, Astro e Televisão” do livro de Paes (2002), *Vejam como eu sei escrever*. Os poemas visuais que se encontram no livro de Capparelli (2003), *III poemas para crianças* são interessantes porque misturam desenho e grafia como “O jacaré letrado”, “Um ovo”, “O tamanho do A”, “Canção para ninar gato com insônia”, “Falta de sorte”, “Menino irritado”, “A primavera endoideceu.”

Deseja-se que o professor possa escolher um poema para ler com a turma, sem pensar em uma obra didático-pedagógica, ou porque tem intenção de ensinar conteúdos, ou deseja doutrinar a criança segundo padrões sociais, com objetivo de incutir comportamentos adequados. Ao contrário, que ele possa privilegiar uma obra que respeite a perspectiva infantil, a temática do cotidiano dos pequenos, as figuras de linguagem, os jogos sonoros e, principalmente, o aspecto lúdico, pois, assim, o professor terá maiores chances de ser um formador de leitores de poesia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDINI, Maria da Glória. *Poesia infantil*. São Paulo: Ática, 1986.

CAPPARELLI, Sérgio. *O boi da cara preta*. Porto Alegre: L&PM, 2003

_____. *III poemas para crianças*. Porto Alegre: L&PM, 2003.

CLEMENTE, Elvo. *Língua, cultura e literatura*. Porto Alegre: PUCRS, 1994.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. São Paulo: Ática, 2001.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958.

MELO, Veríssimo de. *Folclore brasileiro: R. G. do Norte*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1977.

MENÉRES, Maria Alberta. *Imaginação*. Lisboa: Difusão Cultural, 1993.

_____. *O poeta faz-se aos 10 anos*. Lisboa: Plátano, 1977.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 1989.

PAES, José Paulo. *Vejam como eu sei escrever*. São Paulo: Ática, 2002.

PIAGET, Jean. *Seis estudos de psicologia*. Rio de Janeiro: Forense, 1978.

_____. *Epistemologia genética*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

TORGA, Miguel. *Antologia poética*. Lisboa: Coimbra, 1981.

VIGOTSKY, L. S. *La imaginación y el arte em la infância*. Madrid: Akail, 1982.